

O LEGADO DE ÉLISÉE RECLUS PARA UMA GEOGRAFIA SEM DICOTOMIAS

THE LEGACY OF ÉLISÉE RECLUS FOR A GEOGRAPHY WITHOUT DICHOTOMIES

EL LEGADO DE ÉLISÉE RECLUS PARA UNA GEOGRAFÍA SIN DICOTOMÍAS

Suzete Câmara da Silva Figueiredo

5ª Diretoria Regional de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte (5ª DIREC)
susilva_oi@yahoo.com.br

Rikelner Mateus de Melo Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
rikelner.melo.700@ufrn.edu.br

Jane Roberta de Assis Barbosa

Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (PPGE)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
jane.barbosa@ufrn.br

RESUMO

Este estudo busca analisar a contribuição da radicalidade política e da pluralidade temática de Élisée Reclus para uma Geografia sem dicotomias, a qual resultou em uma forma peculiar de Geografia Crítica social. Pretende-se, assim, ampliar o conhecimento sobre a obra do referido autor e destacar sua relevância para a Geografia Crítica contemporânea. O artigo explora a obra de Reclus, que permanece pouco estudada e frequentemente mal compreendida. Essa incompreensão decorre, em grande parte, da associação equivocada de seus escritos a um positivismo descritivo e superficial, desconsiderando a profundidade e a complexidade de suas ideias. A metodologia adotada consistiu principalmente em uma revisão de literatura abrangente, que inclui as obras originais do autor e análises críticas de outros estudiosos de sua obra. Com sua intensa participação na política anarquista e sua visão da sociedade, em simbiose com a natureza, Reclus desenvolveu uma abordagem temática ampla, manifestada de forma marcante em suas obras. Assim, ao explorar os caminhos libertários traçados pelo autor, a Geografia Humana encontra novos horizontes de reflexão e transformação, desafiando os limites do conhecimento estabelecido e abrindo-se para uma visão mais crítica, sem dicotomias e inclusiva do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia Crítica; radicalidade política; pluralidade temática; Élisée Reclus.

ABSTRACT

This study aims to analyze the contribution of Élisée Reclus's political radicalism and thematic plurality to a Geography free from dichotomies, which culminated in a distinctive form of socially oriented Critical Geography. The objective is to expand knowledge about the author's work and highlight its relevance to contemporary Critical Geography. The article examines the work of Reclus, which remains understudied and often misunderstood. This misunderstanding largely stems from the mistaken association of his writings with a superficial and descriptive positivism, disregarding the depth and complexity of his ideas. The methodology primarily involved a comprehensive literature review, including the author's original works and critical analyses by scholars of his oeuvre. Through his active participation in anarchist politics and his vision of society integrated with nature, Reclus developed a broad thematic approach, prominently reflected in his works. By exploring the libertarian paths outlined by the author, Human Geography discovers new horizons for reflection and transformation, challenging the boundaries of established knowledge and embracing a more critical, inclusive, and dichotomy-free vision of the world.

KEYWORDS: Critical Geography; political radicality; thematic plurality; Élisée Reclus.

RESUMEN

Este estudio busca analizar la contribución de la radicalidad política y la pluralidad temática de Élisée Reclus a una Geografía sin dicotomías, la cual dio lugar a una forma peculiar de Geografía Crítica social. El objetivo es ampliar el conocimiento sobre la obra del autor y destacar su relevancia para la Geografía Crítica contemporánea. El artículo examina la obra de Reclus, que sigue siendo poco estudiada y frecuentemente mal comprendida. Esta incompreensión se debe, en gran medida, a la asociación equivocada de sus escritos con un positivismo descriptivo y superficial, lo que ignora la profundidad y la complejidad de sus ideas. La metodología empleada se basó principalmente en una revisión de literatura exhaustiva, que incluye las obras originales del autor y los análisis críticos realizados por otros estudiosos de su trabajo. Con su activa participación en la política anarquista y su visión de la sociedad en integración con la naturaleza, Reclus desarrolló un enfoque temático amplio, que se refleja de manera destacada en sus obras. Al explorar los caminos libertarios trazados por el autor, la Geografía Humana encuentra nuevos horizontes para la reflexión y la transformación, desafiando los límites del conocimiento establecido y abriéndose a una visión más crítica, sin dicotomías y inclusiva del mundo.

PALABRAS CLAVE: Geografía crítica; radicalidad política; pluralidad temática; Élisée Reclus.

1. INTRODUÇÃO

Jean Jacques Élisée Reclus (1830-1905) não apenas testemunhou, mas foi ativamente moldado pelos acontecimentos de sua época. Como muitos cientistas de sua geração, ele não se contentou em apenas observar o mundo ao seu redor. Ao contrário, mergulhou profundamente nos debates e desafios de seu tempo, emergindo como uma figura proeminente, e controversa, dentro dos círculos intelectuais e políticos do século XIX.

É certo que os estudos e escritos de Reclus foram fortemente influenciados por seus ideais políticos, tendo em vista que ele era um anarquista convicto, e isso permeia suas análises geográficas. Para ele, a Geografia era mais do que uma ciência da terra, era também um modo de compreender as relações sociais e políticas. Nesse sentido, o caráter inovador das suas pesquisas estava em detalhar a interação entre a natureza e as sociedades humanas. Enquanto uma ciência libertária, a compreensão geográfica dos fenômenos estudados poderia ajudar a dismantelar estruturas de poder e promover uma sociedade mais equitativa (Giblin, 2005).

Para a compreensão deste autor multifacetado, é essencial contextualizá-lo em relação à complexidade de sua época. Suas contribuições são inquestionáveis, porém foram poucos os estudos que se dedicaram a captar a essência de sua abordagem, muitas vezes eclipsada por uma associação superficial com o positivismo descriptivo, que não reflete a profundidade de seu pensamento e sua contribuição para uma Geografia Crítica e social.

Dentre os estudiosos que analisam a produção de Reclus, destacam-se Boino (2010), Pinto (2011), Ferretti (2013), Cirqueira (2016) e Giblin (2005). Para fundamentar este trabalho, foram consultados periódicos acadêmicos da área, revisões de literatura e artigos científicos alinhados à

perspectiva crítica da Geografia, além das obras originais do autor analisado, publicadas entre 1864 e 2010 (1864, 1866, 1868-1869, 1886, 1899, 1901, 1905-1908, 2002 [1914] e 2010).

Neste artigo parte-se de alguns questionamentos aos quais, ao final, se espera responder: Élisée Reclus encontra-se de fato alinhado ao positivismo descritivo? Quais ideias influenciaram o pensamento desse do autor? Em que consiste a Geografia Crítica social de Élisée Reclus? Quais as principais contribuições que o conjunto da obra do autor traz para a Geografia? Por que a política foi tão evocada em seus textos, a ponto de tornar-se uma vocação temática?

Para tanto, fez-se um esforço no sentido de compreender o autor e a sua produção científica, analisando-se sua contribuição no âmbito da Geografia Crítica Social. Além disso, pretende-se tornar acessível tais contribuições e ideias ao meio acadêmico e científico, procurando dirimir a associação de sua obra ao positivismo, tendo em vista que, conforme será destacado, ela parece estar mais voltada para uma Geografia questionadora.

A análise da contribuição de Élisée Reclus para uma Geografia Crítica Social, permeada por sua radicalidade política e diversidade temática, permitirá uma apreciação mais profunda de seus trabalhos, muitas vezes negligenciados. Este artigo busca também preencher essa lacuna, explorando o legado do autor e sua relevância para a Geografia humana contemporânea, na medida em que intenciona responder às questões anteriormente formuladas.

No que concerne à estrutura do texto, o artigo, depois da introdução, está organizado nas seguintes seções: Revisão Teórica, Metodologia, e Resultados e Discussão, encerrando-se com as Considerações Finais.

2. REVISÃO TEÓRICA

O século XIX foi marcado por uma efervescência ideológica, sobretudo na Europa: o absolutismo, ligado aos privilégios da nobreza; o liberalismo, estimulado por interesses da burguesia, delineando os contornos políticos e sociais da época. Eventos como o golpe de Estado de Napoleão III e a Comuna de Paris influenciaram profundamente as ideias de Reclus. Seu envolvimento na Comuna, em 1871, que resultou em sua prisão, foi a inspiração para o livro **A evolução, a revolução e o ideal anarquista** (Reclus, 2002), na qual ele destaca a importância da evolução para a revolução utilizando analogias geográficas ilustrativas das forças sociais revolucionárias.

Segundo Reclus (1982, p. 218, tradução nossa), “a sociedade encontra-se em desordem e a evolução se dá tão rápido que o homem busca um novo ponto de apoio para a direção de sua vida.

A história permite essa compreensão quando volta ao passado”. Nesse texto, é possível perceber que o autor estava preocupado com as estruturas sociais vigentes e as grandes questões da humanidade – como a origem do homem –, buscando compreender a sociedade e sua relação intrínseca com a Terra.

O autor rejeitava o Estado, argumentando que esse era um promotor da escravidão. Ele foi influenciado pelo evolucionismo darwiniano, aplicando-o ao contexto social, sem contudo, adotar visões binárias de superioridade e inferioridade entre as sociedades. Reclus também criticava o marxismo, considerando-o aliado ao Estado e, portanto, defensor das desigualdades sociais e da manutenção de privilégios (Giblin, 2005).

Embora compartilhasse da idealizada “fraternidade universal” de seu tempo, Reclus mantinha uma visão otimista de cooperação e livre federação (Ferretti, 2013), refletida em suas obras. Apesar de **O Homem e a Terra** (1905-1908) e **A Terra: descrição dos fenômenos da vida do Globo** (1868-1869) serem seus livros mais conhecidos, sua verdadeira natureza crítica e libertária emerge em textos como **Do Sentimento da Natureza nas Sociedades Modernas** (1866), **Renovação de uma Cidade/Repartição dos Homens** (1901), **Da Ação Humana na Geografia Física/Geografia Comparada no Espaço e no Tempo** (1864) e **A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista** (1886).

Élisée Reclus, preocupado com a estruturação da sociedade e suas dinâmicas complexas, bem como com o papel do Estado, a expansão do capitalismo europeu, a interação da sociedade civil com a igreja e o conceito de Progresso, direcionou seus estudos tanto para a política quanto para a ciência, utilizando o conhecimento geográfico como base para entender a relação entre o homem e o meio (Giblin, 2005). E, de acordo com Pinto (2011), o autor em questão abordou a ciência de maneira dinâmica, libertária e politizada, desafiando o exclusivismo científico. Ao defender a liberdade individual como fundamento da sociedade e considerar a perspectiva global a partir do local, ele criticou a estrutura da leitura marxista, que se baseava em uma concepção coletivista produtiva.

No prefácio de **O Homem e a Terra**, Reclus revela que o texto é resultado de suas observações sobre o homem em várias regiões do mundo, das quais ele extrai conclusões sociológicas sobre as relações de causa e efeito entre o homem e a terra (Reclus, 1982). Ele concebia o homem e o meio em uma relação simbiótica quase idealizada, e vislumbrava uma dinâmica harmoniosa entre eles, que seriam unidos pelo que ele chamava de “cosmo”. No entanto, essa dinâmica era frequentemente desafiada por eventos que desvirtuavam essa harmonia.

O autor identifica três categorias principais de eventos que desestabilizam essa relação harmoniosa: a relação entre indivíduos e sociedades, quando caracterizada pela divisão em castas ou classes que revelam, durante períodos de crise, interesses conflitantes; a relação entre indivíduos e classes, marcada por desequilíbrios acentuados e pelo predomínio do poder de atores hegemônicos, frequentemente resultando em guerras civis; e a evolução como força da ação individual, e, nesse sentido, Reclus defende que é possível promover mudanças significativas no panorama social do século XIX por meio da evolução que impulsiona a revolução.

Assim, Reclus postula que o homem é um elemento primordial na sociedade e que, por meio de ações voluntárias, pode disseminar ideias e contribuir para a transformação das nações. Esse posicionamento evidencia a natureza libertária e radical de suas ideias. Assim, ele argumenta que a sociedade se estabelece pela liberdade e que ela é o resultado do desenvolvimento de cada indivíduo. Reclus acredita que a liberdade e o desenvolvimento humano promovem uma sociedade mais valorosa e nobre, e destaca: “o homem nasce da vontade criadora que constrói e reconstrói o mundo” (Reclus, 1982, p. 219).

Ao observar os aspectos urbanos em diversas regiões densamente povoadas, o autor percebe uma ordem subjacente à aparente desordem, promovida pelos próprios habitantes das cidades. Ele observa que as cidades mais próximas das capitais tendem a ser mais dinâmicas, enquanto as mais afastadas são mais modestas. Ele busca uma cidade anárquica e equilibrada em meio à lógica da segregação e da dinâmica ambiental (Reclus, 1982).

O autor constata, ainda, que, apesar da aparente perfeição das cidades em suas construções, elas não conseguem ocultar o contraste inevitável entre luxo e miséria, que é uma consequência da desigualdade (Reclus, 1982, p. 221). Além disso, ele leva em consideração os aspectos ambientais, destacando os prejuízos causados pela intensa urbanização, como a poluição atmosférica e os problemas de saneamento, e enfatizando a pressão exercida pelo homem sobre o meio ambiente, que resulta em graves consequências ambientais.

Em **A Nova Geografia Universal**, escrito sob rigorosa vigilância editorial, nota-se que essa composição não expõe claramente as ideias políticas do autor. O anarquismo de Reclus poderia comprometer a publicação e a comercialização dessa obra monumental, composta por 19 volumes e iniciada em 1976. De acordo com Ferretti (2013), a *Nouvelle Géographie Universelle*, título original em francês, reflete um discurso crítico sobre a Europa, a Alteridade e o Colonialismo, em que Reclus embarca em uma jornada por diversos países, buscando apresentar um discurso

inclusivo que represente todas as nações do globo, fundamentado nos princípios de unidade humana e fraternidade.

Nesse trabalho, a Europa perde sua posição de destaque que sempre teve nos trabalhos de Reclus, que direciona o leitor para uma compreensão global do mundo, evitando a abordagem dicotômica de superioridade e inferioridade entre as nações. As condenações contundentes do pensador aos crimes coloniais são uma característica proeminente em sua obra geográfica, antecipando as críticas ao colonialismo e ao imperialismo que viriam a ser adotadas pelo movimento socialista europeu nas primeiras décadas do século XX (Ferretti, 2013, p.21).

O escrito **A Terra: descrição dos fenômenos da vida do globo** é constituído por dois volumes considerados pelos geógrafos da Universidade de Friburgo como um tratado de Geografia física e uma demonstração do método geográfico do autor. Nesse livro publicado em 1882, o autor aborda a relação entre o homem e a natureza, enfatizando sua interdependência e destacando o espaço, em sua totalidade, como objeto de estudo da Geografia. O geógrafo também argumenta que o homem começa a modificar e influenciar o meio ambiente em resposta às suas necessidades básicas de sobrevivência, promovendo a ocupação e o crescimento populacional, e demandando o desenvolvimento de técnicas agrícolas e de irrigação. Ele percebe a dinâmica do meio ambiente como algo em constante evolução, alertando para a necessidade de prevenir os fenômenos de retroação (Boino, 2010).

Um dos textos essencialmente críticos de Reclus é **Da Ação Humana na Geografia Física / Geografia Comparada no Espaço e no Tempo**. Dividida em duas partes, ela foi escrita entre meados do século XIX e início do XX, e relançada em 2010. Na primeira parte, Reclus parece por vezes influenciado pelo determinismo ambiental, mas, conforme observa Andrade (1985, p.57), “ele reconhece que o ambiente primitivo, embora importante, representa apenas uma parte das influências às quais o homem está sujeito, reconhecendo que o homem também influencia ativamente o meio”. Assim, o autor defende uma abordagem simbiótica e equilibrada entre o homem e a natureza, considerando como suas partes podem influenciar o todo, tanto ambiental quanto socialmente. Ele argumenta que o homem tem o poder de agir sobre o meio ambiente, promovendo uma maior diversidade na superfície da Terra. No entanto, ele adverte para o fato de que esse poder também pode resultar em ações catastróficas se não forem consideradas as necessidades das gerações futuras, apontando a responsabilidade direta que tem o homem em catástrofes ambientais e a importância da preservação das florestas e do reflorestamento como medidas preventivas (Reclus, 2010a).

O geógrafo francês ainda critica o modo como a indústria e a expansão agrícola contribuem para a degradação ambiental, enfatizando a preferência desses setores pelo poder e pela exploração em detrimento da beleza e da preservação ambiental. O autor sugere que a ciência e a indústria, trabalhando em conjunto, podem proporcionar novos meios de intervenção humana no meio ambiente, vislumbrando a possibilidade de coletar e armazenar as vastas energias naturais disponíveis para benefício humano (Reclus, 2010a).

Na segunda parte da obra, o autor questiona a concepção tradicional de Geografia, que, àquela época, se concentrava em diferenciar áreas geográficas e destacar elementos como cidades, capitais e países em mapas. Ele propõe uma abordagem mais crítica e analítica sobre esta ciência, uma que transcenda a mera memorização de nomes e locais. Reclus (2010a) argumenta que a Geografia está intrinsecamente ligada a todas as ciências e serve como uma base sólida para a análise de uma infinidade de fenômenos, fornecendo um ponto de referência.

3. METODOLOGIA

A metodologia que ancora este artigo é de natureza bibliográfica, o que demandou buscas em repositórios disponíveis na internet, a exemplo do Google Scholar, por meio das quais foi possível ter acesso às principais publicações circulantes sobre o trabalho de Élisée Reclus.

A leitura do escrito **Epistemologia da Geografia**, de Paul Claval (2011), trouxe, entre outras inquietações, a relativa ao fato de que a Geografia Crítica de Reclus era pouco discutida dentro do contexto acadêmico, ou sequer considerada em estudos sobre justiça e crítica sociais ou nas reflexões a respeito da necessidade de uma Geografia integrada. A partir disso, questionou-se primeiramente: por que esse autor tão importante foi negligenciado pela Ciência Geográfica?

O próprio Claval (2011) traz pistas para a resposta a essa pergunta, apontando o contexto histórico da Geografia e da França de então, referência nos estudos geográficos. Após alguns movimentos sociais e a “renovação da Geografia” ocorridos após 1945, e que se estenderam até a década de 1970, a França perde espaço no cenário internacional e a Geografia vê-se sem rumo. É possível inferir que naquele momento as ideias de Reclus tenham perdido prestígio. Esse debate será esclarecido mais adiante, na próxima seção, intitulada Resultados e Discussão.

Como essa resposta inicial não pareceu satisfatória, o passo seguinte desta pesquisa foi buscar artigos científicos que discutissem a produção do autor em tela, como Ferretti (2013) e Pinto (2011) o fazem. A partir de alguns apontamentos, (pois a obra de Reclus é inesgotável e sempre apresenta novas contribuições), o passo posterior foi fazer a revisão de literatura de seus textos

dentro de uma perspectiva geográfica, haja vista que suas discussões e textos científicos também podem ser encontrados em outras áreas como as Ciências Sociais.

Para tanto, e para que a análise dos resultados fosse fiel à proposta primordial de desfazer dicotomias impostas ao autor, optou-se por construir uma linha do tempo, procedendo-se a uma seleção por décadas dos textos do autor e das principais temáticas contidas em cada um desses decênios. Nessa perspectiva, percebeu-se, entre obras produzidas no intervalo de 1860 até 1900, a presença de temáticas comuns a todos os períodos, e que foram abordadas pelo autor ao longo de sua vida, como o Anarquismo, a Geografia Holística e a Crítica Social.

Em seguida, viu-se a necessidade da construção de um quadro comparativo de suas publicações, a fim de trazer ainda mais luz às suas concepções e relacioná-las de maneira mais abrangente. Para isto, foi feita preliminarmente uma consulta à Biblioteca Nacional da França, em que foram pesquisadas as principais produções do autor. Após esse procedimento de consulta, foi criado o quadro contendo essas produções, os seus anos de publicação e uma breve síntese de cada uma.

Após a interpretação dos resultados, que buscou basicamente desfazer as dicotomias sempre relacionadas a Reclus, e que serão apresentadas na seção seguinte, optou-se por uma produção textual em forma de artigo que fosse tornada pública para endossar o discurso de um autor que foi tão importante para a Geografia, mas por vezes negligenciado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É notável que, devido ao seu ideal libertário e sua associação com o anarquismo, Élisée Reclus tenha sido alvo de censura em sua produção, o que levou ao seu apagamento como uma referência da Geografia na Geografia Crítica. Críticas por parte de Marx resultaram em sua desconsideração por alguns marxistas, causando desconforto entre os cientistas mais radicais. Como se comprova em Lacoste (1988), esses últimos estavam preocupados com o anarquismo defendido por Reclus, temendo a perda de seus privilégios dentro do estabelecimento acadêmico, trazidos à tona em manifestações e movimentos de reação.

O surgimento da Geografia Crítica deu-se na década de 1970, na Europa, em particular na França e na Espanha, tendo chegado posteriormente ao Brasil. A França é, nesse momento, cenário importante cujo prestígio intelectual facilita esse sucesso (Claval, 2011). Isso só foi possível décadas após a Segunda Guerra Mundial, durante a Guerra Fria, graças aos avanços das telecomunicações e dos sistemas de transporte.

No entanto, as críticas ao positivismo geográfico, ou empirismo, já estavam surgindo desde a década de 1950, culminando na chamada “renovação da Geografia” na década de 1970. O movimento dos geógrafos críticos visava revolucionar a disciplina em termos teórico-metodológicos e políticos, além de criticar as abordagens tradicionais e quantitativas e a sociedade capitalista. Segundo Moraes e Costa (1987), esse período foi marcado por uma crise e uma reflexão sobre os pressupostos estabelecidos pela tradição.

Assistiu-se, nos anos 1950, à perda do protagonismo francês, e isso em razão de a França não ser mais uma potência imperial, pois os países latinos da Europa ou do Novo Mundo foram aos poucos saindo de seu domínio moral. Nos anos que se seguiram, a partir de 1960, predominou o ensino do inglês como primeira língua estrangeira. Some-se a este fato a consciência, que os geógrafos têm, da ineficácia da análise dos gêneros de vida e dos estudos regionais, sem, contudo, encontrarem alternativas para substituí-los. Além de não acompanharem as mudanças impressas pela nova Geografia, acabam não incorporando todos os elementos (Claval, 2011).

A Geografia Crítica destacou o conceito de espaço, pois, como observado por Moraes (1987), a crise da Geografia estava ligada à indefinição de seu objeto de estudo e à sua sobreposição a outras áreas do conhecimento científico. A partir desse movimento, o conceito de espaço foi amplamente discutido, e reafirmado como objeto central de estudo. Moraes (1987) também aponta que essa renovação representou uma reavaliação dos temas abordados à luz de novos métodos, rompendo-se com os limites do positivismo.

Essa Geografia Crítica, descrita por Vesentini (2009) como radical ou crítica, foca no estudo das questões sociais, mas também na relação entre o homem e a natureza, considerando esta última como um recurso apropriado pelo homem. Além disso, preocupa-se com o ensino, buscando desenvolver o pensamento crítico dos alunos, e não apenas promover a memorização de conteúdo.

Suas fontes de inspiração são as mais variadas: tem-se o marxismo, especialmente as ideias do próprio Marx, o anarquismo, representado por autores como Élisée Reclus e Piotr Kropotkin, e também pensadores como Michel Foucault, Claude Lefort, Cornelius Castoriadis, André Gorz, Henri Lefebvre, entre outros. No entanto, seu principal foco está na compreensão transformadora da realidade e na percepção da política do espaço, como ressaltado por Vesentini (2009).

A Geografia Crítica contribuiu para fornecer uma base teórica para as lutas pela ampliação dos direitos civis e pelo acesso à terra e à educação de qualidade, para o combate à pobreza e às desigualdades sociais, e o enfrentamento dos preconceitos de gênero, etnia e orientação sexual. Um dos principais precursores desse movimento foi Yves Lacoste, com seu escrito **A Geografia –**

isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra (1976), que atraiu a atenção dos pesquisadores da época por sua criticidade ao expor as contradições e tensões da sociedade. Esse movimento propunha uma Geografia mais engajada, comprometida com a justiça social, e interessada em estudar as desigualdades socioeconômicas e as contradições do sistema.

Embora alguns geógrafos anteriores tenham abordado questões sociais de maneira crítica, a exemplo de Élisée Reclus, suas ideias foram frequentemente rejeitadas e reprimidas devido à predominância da Geografia tradicional na época. A crítica na Geografia não surgiu repentinamente, mas foi resultado de uma série de ideias e revoltas ao longo da história, alimentadas pela conscientização em relação às desigualdades e ao uso da ciência pelos interesses hegemônicos – especialmente após a Segunda Guerra Mundial –, que produziu uma crise no pensamento geográfico.

Essa crise, que culminou na renovação da Geografia, refletiu uma tendência observada em outras ciências sociais, intimamente ligada ao contexto social da época. Isso abriu espaço para o reconhecimento de ideias anteriormente marginalizadas, como as de Reclus, e o surgimento de novos pensadores, como, no Brasil, Milton Santos. Nessa nova perspectiva, unem-se Geografia e história, vistas como áreas integradas e complementares na compreensão de questões referentes à relação espaço e tempo, por exemplo, tratadas por Milton Santos.

Desse modo, os novos debates que passaram a vigorar coincidiram com uma mudança de foco na Geografia, que passou a se preocupar mais com a relação entre o conhecimento e a ação, em contraste com a busca anterior pelo conhecimento puro. Os interesses políticos desempenharam um papel crucial nesse processo, atuando como mediadores entre a ciência e a produção do conhecimento geográfico, conforme observado por Capel (2014).

Capel (2014) destaca que esse contexto de crise levou a uma nova reflexão sobre o pensamento marxista, que não foi desvalorizado, mas sim revitalizado, rompendo com as antigas imposições dogmáticas. Deu-se um interesse crescente pelo existencialismo e pela fenomenologia, mas também pela relação espaço-tempo, pelas questões sociopolíticas, pela díade sociedade-natureza, pela tríade economia-política-cultura, através da geograficidade como uma experiência, modo de ser do geógrafo e prática espacial engajada dissidente.

Em resumo, a Geografia Crítica e de cunho anarquista, influenciada por figuras como Lacoste e Reclus, representou uma ruptura significativa com a tradição geográfica anterior, dita tradicional, ao buscar uma abordagem mais engajada e comprometida com a transformação social e ambiental.

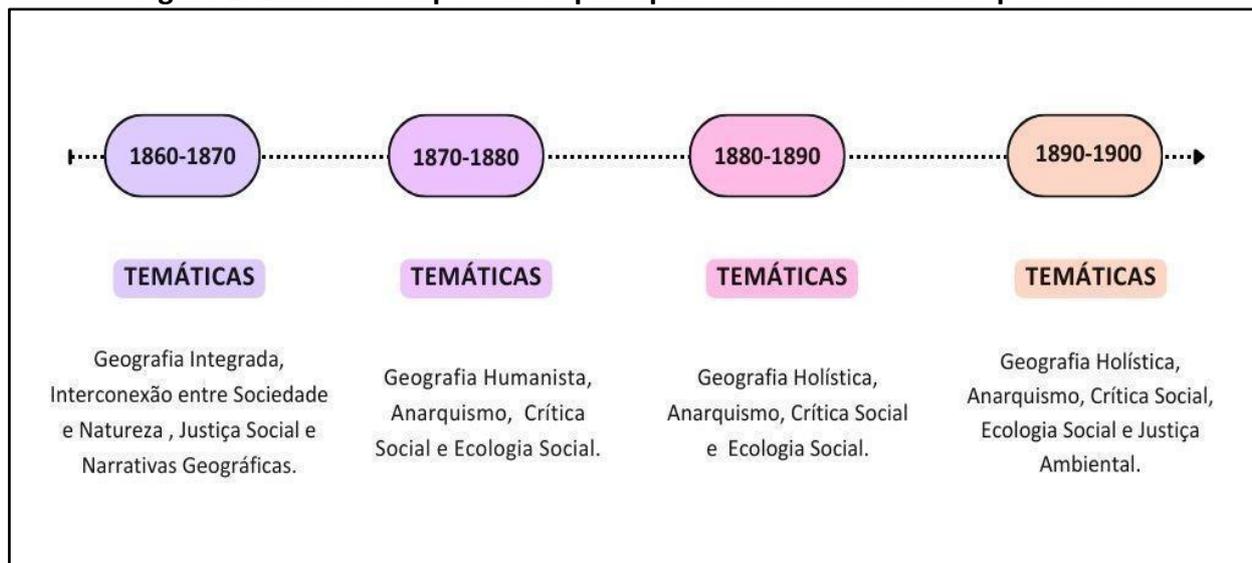
Reclus, embora associado ao positivismo geográfico, foi profundamente influenciado pelo historicismo. Suas ideias, inicialmente subestimadas, e até mesmo criticadas por alguns setores, especialmente os marxistas ortodoxos, e por autores como Vidal de La Blache, por adensar os estudos geográficos com o caráter social, político e histórico, propuseram uma abordagem inovadora e crítica para a Geografia social. No entanto, sua notoriedade na Geografia Crítica não recebeu o destaque merecido, e em parte devido à sua conexão com o anarquismo e os ideais libertários (Cirqueira, 2016).

Foi apenas em 1970 que Reclus veio à tona nos debates acadêmicos e passou a influenciar pesquisadores, a partir do resgate feito pela Geografia Crítica francesa. Passou a influenciar pesquisadores da Geografia Crítica francesa, segundo Cirqueira (2016), enquanto outras disciplinas, como antropologia e história, têm explorado suas ideias com interesse renovado. Yves Lacoste (1988) defende Reclus, em oposição ao que La Blache aponta, denunciando o esquecimento pelos universitários e a utilização das publicações de Reclus sem os devidos créditos.

A revista *Hérodote* publica um texto em 1976 sobre Reclus, porém entre 1970 e 1990 ele não é mencionado como geógrafo crítico. A partir da década de 1990, e até a primeira década do século XXI, o conjunto de textos de Reclus foi referenciado com maior ênfase, não efetivamente dentro da Geografia, mas em áreas como sociologia, etnografia, história, antropologia e urbanismo. A Geografia parecia negligenciar o legado do autor (Cirqueira, 2016).

Nesse sentido, percebe-se que Reclus não se detinha apenas a uma única temática, uma vez que seus textos permeiam diversas esferas e múltiplos temas dentro do contexto geográfico. Como exemplo disso, pode-se citar o livro **Da Ação Humana na Geografia Física / Geografia Comparada no Espaço e no Tempo** (1864), em que o autor abordou justamente a relação da atividade humana com o meio natural. Desse modo, é notório que o autor foge de uma perspectiva dicotômica da Geografia, buscando compreender essa ciência na sua totalidade (aspectos humano e físico), conforme se observa na Figura 1.

Figura 1: Linha do tempo com as principais temáticas abordadas pelo autor



Fonte: Autores, 2024.

Uma das contribuições mais significativas de Reclus foi sua reflexão sobre o Estado, que ele viu como um instrumento de dominação das classes dominantes sobre as classes oprimidas, desafiando assim a concepção tradicionalmente aceita. Essa perspectiva lançou luz sobre debates contemporâneos sobre Geografia política, propondo uma abordagem que transcendia as fronteiras estatais.

Além disso, o autor em questão foi pioneiro ao rejeitar a dicotomia entre Geografia física e humana, defendendo uma abordagem integrada que considerava tanto o ambiente natural quanto as sociedades humanas. Suas extensas viagens pelo mundo permitiram-lhe uma análise abrangente e contextualizada de diversos fenômenos geográficos. Nesse sentido, um de seus livros de maior notoriedade foi **Estados-Unidos do Brasil: Geografia, Etnografia, Estatística** (1908), na qual ele retrata os aspectos tanto físicos quanto humanos do Brasil, abrangendo aspectos geográficos, históricos, étnicos e socioeconômicos.

Reclus não foi contemporâneo do movimento da Geografia Crítica, mas é reconhecido como um de seus precursores mais importantes. Seu trabalho, que abrange desde seus relatos de viagens do século XIX até a teoria anarquista do século XX, é marcada por uma abordagem libertária e multifacetada, enriquecida por análises políticas, sociais, ambientais e educacionais. Nesse sentido, remete-se ao Quadro 1, onde consta uma relação de seus textos, com o ano das primeiras edições e um breve resumo de cada uma.

Quadro 1: Quadro demonstrativo e explicativo das obras de Élisée Reclus

Nome da obra	Ano	Resumo da obra
Da Ação Humana na Geografia Física / Geografia Comparada no Espaço e no Tempo	1864	Trata da relação entre as atividades humanas e o ambiente natural, bem como da comparação geográfica entre diferentes regiões e épocas. Reclus oferece <i>insights</i> sobre como as ações humanas afetam a paisagem e como a Geografia pode ser estudada e comparada para melhor entender as mudanças no mundo ao nosso redor.
Do Sentimento da Natureza nas Sociedades Modernas	1866	O livro gira em torno da ideia de como as sociedades humanas interagem com a natureza em meio ao avanço da modernidade, especialmente com a industrialização e urbanização.
A Terra: descrição dos fenômenos da vida do Globo	1868-1869	O autor examina como os aspectos físicos do planeta, como relevo, clima, vegetação e recursos naturais, influenciam e são influenciados pelas atividades humanas, como agricultura, urbanização, comércio e migração.
A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista	1886	A temática central desta produção gira em torno de três conceitos interligados: evolução, revolução e anarquismo. Reclus examina a evolução da sociedade humana ao longo do tempo, desde suas origens até o presente, discutindo as mudanças nas estruturas sociais, políticas e econômicas.

Estados Unidos do Brasil: Geografia, Etnografia, Estatística	1899	Élisée Reclus aborda uma ampla gama de temas relacionados ao Brasil. Ela fornece uma análise geográfica detalhada das diferentes regiões do país, incluindo aspectos físicos, climáticos, econômicos e sociais. Reclus também explora a diversidade étnica e cultural do Brasil por meio de uma perspectiva etnográfica, examinando as características das diferentes populações e suas interações dentro do contexto nacional.
Renovação de uma Cidade / Repartição dos Homens	1901	Trata de questões urbanas e sociais, abordando temas como planejamento urbano, desenvolvimento sustentável, distribuição populacional e justiça social. Reclus oferece análises críticas e propostas para uma abordagem mais equitativa e sustentável do desenvolvimento das cidades e da organização do território.
O Homem e a Terra	1905-1908	Foco na interconexão entre os fenômenos naturais e as atividades humanas. O autor examina como os aspectos físicos do planeta, como relevo, clima, vegetação e recursos naturais, influenciam e são influenciados pelas atividades humanas, como agricultura, urbanização, comércio e migração.

Fonte: Autores, 2024.

Por fim, Pinto (2011) aponta as contribuições de Reclus para a Geografia Crítica Radical, incluindo o debate sobre a reestruturação do capitalismo industrial e questões geopolíticas relacionadas ao colonialismo. Sua análise também abordou problemas ambientais e a marginalização social na Geografia Urbana, contribuindo assim para uma compreensão mais abrangente e crítica do mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias de Élisée Reclus ecoam como um chamado à liberdade e ao anarquismo para a construção de uma sociedade mais justa e valorosa. Sua visão radical, que propõe o fim do Estado e das fronteiras, desafia os paradigmas estabelecidos e convida à reflexão sobre o papel da Geografia na reprodução ou subversão das estruturas de poder.

Durante muito tempo, os escritos deste autor foram marginalizados, servindo apenas aos interesses dos atores hegemônicos e do Estado, num destino irônico, e olvidadas pela academia geográfica. Até mesmo os marxistas, em sua ortodoxia, resistiram às suas ideias, contribuindo para a perpetuação de um certo preconceito. No entanto, com o advento da Geografia Crítica, suas ideias começaram a encontrar um novo espaço de reconhecimento e influência, especialmente entre aqueles que se dedicam a desafiar os discursos hegemônicos e a explorar as dimensões políticas da Geografia (Capel, 2010).

Pode-se afirmar, no entanto, que suas ideias ainda são relevantes e estimulam o debate acadêmico na Geografia humana. Sua abordagem crítica e libertária continua a inspirar pesquisadores interessados em compreender e transformar o mundo ao nosso redor.

A indissociabilidade entre política e ciência que caracteriza o conjunto de seus textos rompe com a neutralidade do positivismo e desafia a dicotomia entre Geografia física e humana. Sua multiplicidade temática abre um vasto leque de reflexões que compreende desde questões referentes à indústria e ao território até o papel do Estado na coerção das classes dominadas.

A Geografia Crítica, ao questionar os fundamentos do positivismo empírico e ao promover uma análise mais crítica dos problemas sociais, abre espaço para uma reavaliação das publicações de autores outrora marginalizados, como Élisée Reclus. No entanto, para que suas contribuições sejam plenamente exploradas, é necessário que se abandonem os preconceitos e o hábito de criticar sem conhecer, e que haja uma abertura para a leitura e compreensão de seus escritos originais.

Assim, ao explorar os caminhos libertários traçados por Reclus, a Geografia Humana encontra novos horizontes de reflexão e transformação, desafiando os limites do conhecimento estabelecido e abrindo-se para uma visão mais crítica, sem dicotomias e inclusiva do mundo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.I. C. de. **Élisée Reclus**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. Gallica - Bibliothèque numérique. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/>. Acesso em: 06 abr. 2024.

BOINO, P. O pensamento geográfico de Élisée Reclus. *In: Da ação Humana na Geografia Física/ Geografia comparada no espaço e no tempo*. Organização e tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Expressão e Arte: Editora Imaginário, 2010.

CAPEL, H. **Geografia contemporânea: ciência e filosofia**. Organização de Jorge Ulisses Guerra Villalobos. 1. ed. Maringá: EDUEM, 2010.

CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

CIRQUEIRA, J. V. Élisée Reclus e a excentricidade de sua geografia anarquista. **Terra Brasilis. Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**, n. 7, 2016.

FERRETTI, F. Eles têm o direito de expulsar-nos: a nova Geografia Universal de Élisée Reclus. *In: Espaço e Economia* [Online], 3 | 2013.

GIBLIN, B. Élisée Reclus: un géographe d'exception. **Hérodote**, n. 2, p. 11-28, 2005.

LACOSTE, Y. **A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papyrus, 1988.

MORAES, A. C. R.; COSTA, W. M. da. **Geografia critica a valorizacao do espaco**. São Paulo: Hucitec, 1987. Acesso em: 16 mar. 2024.

PINTO, J. V. C. **Geografia anarquista e anarquismo geográfico, geografia libertária e libertarismo geográfico: a excentricidade e a atualidade do pensamento de Élisée Reclus**. *In: Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo*, Universidade de São Paulo, Anais, São Paulo, Departamento de Geografia, p. 1-20. 2011.

RECLUS, E. **El hombre y la tierra**. *In: MENDOZA, Josefina Gómez; JIMÉNEZ, Julio Muñoz; CANTERO, Nicolás Ortega*. El pensamiento geográfico. Madrid: Alianza Editoria, 1982.

RECLUS, E. **Estados Unidos do Brasil: Geografia, Etnografia, Estatística**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1908.

RECLUS, E. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002.

RECLUS, E. Da ação humana sobre a Geografia Física: o homem e natureza. *In: Da ação humana na Geografia Física/ Geografia Comparada no espaço e no tempo*. São Paulo: Editora Imaginário; Expressão e Arte Editora, 2010a.

RECLUS, E. Geografia comparada no espaço e no tempo. *In: Da ação humana na Geografia Física/ Geografia Comparada no espaço e no tempo*. São Paulo: Editora Imaginário; Expressão e Arte Editora, 2010b.

VESENTINI, J. W. *Geografia Crítica e ensino*. Orientação, São Paulo, n. 6, p. 53-58, 2009.

Artigo submetido em: 18/05/2024

Artigo aceito em: 22/01/2025

Artigo publicado em: 03/02/2025